



## **Pós-graduação em música no ensino remoto emergencial: considerações sobre interações sociais e acadêmicas**

### **Comunicação**

*Nayane Nazaré Silva de Macedo*  
*Universidade Federal do Rio Grande do Sul*  
*nayanemacedo@gmail.com*

**Resumo:** Este trabalho trata-se de um relato de experiência sobre a iniciação em pós-graduação em um doutorado em música, tendo como objetivo compartilhar as percepções de uma discente do curso acerca das interações sociais e acadêmicas que se deram durante o ensino remoto emergencial, modelo este que foi adotado no período de isolamento social causado pela pandemia de COVID-19. Tais considerações são analisadas em diálogo com pressupostos baseados em algumas das perspectivas sociológicas das teorias do cotidiano. O trabalho procura contribuir com a reflexão sobre a importância de se considerar o espaço e o contexto onde o processo de ensino-aprendizagem se desenvolve e as relações que são estabelecidas a partir destes.

**Palavras-chave:** Pós-graduação em música. Ensino remoto emergencial. Interação social.

### **Introdução**

O presente trabalho trata-se de um relato de experiência sobre o ingresso em pós-graduação em música no formato de Ensino Remoto Emergencial (ERE) e de como as relações sociais e acadêmicas se dão dentro deste contexto. A narrativa apresentada faz parte da experiência vivida pela autora no ano de 2021, quando ingressou no curso de doutorado em música em uma Universidade Federal no Sul do país, sendo que a mesma morava na região Norte.

Considerando que a autora ao ingressar no programa residia em outra localidade e não havia tido contato anterior com o programa de pós-graduação, vale destacar que as relações foram estabelecidas desde o princípio dentro do ambiente virtual e que este trouxe ganhos e perdas, como serão apresentadas no decorrer do texto.

O trabalho tem como objetivo apresentar algumas percepções da discente acerca das relações sociais e acadêmicas estabelecidas no contexto virtual durante esse início na pós-graduação e de como estas foram consideradas no processo de ensino-aprendizagem.



## **A pandemia e o Ensino Remoto Emergencial (ERE)**

No ano de 2020 por conta da pandemia de COVID-19 os estabelecimentos de ensino, assim como outros setores da sociedade tiveram que se adequar a realidade das restrições impostas pelo isolamento social. O Ministério da Educação por meio das portarias nº 343/2020 e nº 544/2020 autorizavam o ensino remoto em substituição das aulas presenciais. Diante do cenário que foi vivido tanto por professores quanto por alunos durante o primeiro ano de pandemia, muitos pesquisadores abordaram as vivências e consequências desse período na educação, nos diversos níveis de ensino.

Dentre estes, é possível citar Souza et al. (2021), cujos ensaios de professores e pesquisadores narram uma parte do seus cotidianos durante o período de isolamento social, e de como lidaram com os desafios de se organizarem para as novas demandas de sala de aula *on-line*, assim como de suas vidas particulares que por vezes não se separavam da atividade docente neste novo momento. Jesus (2021) trata da pós-graduação no contexto pandêmico e as implicações deste na formação dos alunos de programas de mestrado e doutorado no Paraná, elencando pontos considerados positivamente ou negativamente pelos discentes, assim como Lemes e Costa (2021) tratam da formação de uma pesquisadora dentro deste contexto e de como a relação com o outro se altera. E por fim, mas sem a pretensão de esgotar os exemplos, Novello et al. (2020) trata das limitações digitais vivenciadas por professores, juntamente com as dificuldades de acesso às tecnologias, talvez este seja um dos temas mais recorrentes quando se trata de pandemia e educação.

Os trabalhos citados possuem em comum, como fio condutor, a grande mudança que a COVID-19 trouxe sobre a vida das pessoas, analisando a educação sob perspectivas diversas, especialmente sobre o processo de ensino e aprendizagem. Dentro deste fio condutor, este relato parte da premissa de compartilhar as interações estabelecidas na formação em pós-graduação em música, no ERE, a partir da perspectiva da autora, uma discente.

Souza (1996) destaca a importância de se considerar as teorias sociológicas do cotidiano para a compreensão do contexto de ensino-aprendizagem, já que este não se dá apenas no ambiente escolar, mas também fora dele, na vivência do dia-a-dia. Ao partir da visão da discente sobre como se deu essa iniciação de formação no doutorado, pode-se



visualizar minúcias por vezes imperceptíveis ou naturalizadas que podem inferir no resultado do processo educativo, mesmo em nível de formação *stricto sensu*.

### **Sobre o ingresso no doutorado**

O ingresso no doutorado se deu dentro do contexto de isolamento social provocado pela pandemia de COVID-19, sendo assim, a seleção para o ingresso foi realizada de forma remota.

Como já mencionado anteriormente, a discente, não residia na mesma cidade onde a Universidade se localiza, assim como não conhecia ninguém previamente (professores ou alunos) e apesar de ser um curso de doutoramento, esta seria a primeira pós-graduação da mesma voltada para a educação musical, tendo em vista que na sua cidade natal não há cursos *stricto sensu* na área. Dessa maneira, ao realizar a seleção de forma *on-line*, este foi o primeiro contato que teve com a Universidade e onde se deu as primeiras interações com os possíveis futuros professores e colegas.

A seleção foi realizada por meio da sala virtual, sendo mediada por uma professora da pós-graduação, a qual orientava os candidatos sobre como a prova ocorreria, no total foram três etapas que aconteceram durante dois dias. Neste primeiro momento, a discente já desenvolveu percepções que fariam parte da sua rotina dentro da pós-graduação. Como algumas inseguranças acerca de ser “de longe”, de não conhecer e nem ser conhecida de ninguém e das dificuldades que teria para reduzir esse distanciamento, pensamentos que perpassaram esse período de seleção, pois diferente do formato presencial, onde é possível perceber o gestual do corpo, do olhar e também interagir mais livremente com o outro, ali só era viável observar as pessoas dentro do espaço que a sala virtual permitia, o ângulo da câmera de cada um.

Na espera pelo início da prova, ao ingressar na sala virtual, foi possível perceber os candidatos que já haviam estudado na Universidade interagindo com a professora, enquanto esta aguardava a entrada de todos e o horário correto para iniciar as atividades. Será que haveria essa interação se a prova fosse presencial, ou os candidatos aguardariam em silêncio? A professora ficaria conversando ou apenas saudaria a todos de forma igual? O modo de agir



em um ambiente virtual é o mesmo que no presencial? A nossa conduta no ambiente virtual deve permanecer a mesma como no presencial, ou podemos mudar?

Frehse (2008) destaca o pensamento de Erving Goffman acerca da relação entre o espaço e as condutas sociais. Segundo a autora, o sociólogo defende que “dependendo das condições espaciais, tais ou quais interações são possíveis. Então, além de mero cenário físico, o espaço interfere na vida social como condicionante físico de interações” (FREHSE, 2008, p. 159).

Considerando que este pensamento pode ser atrelado à compreensão das relações que são estabelecidas dentro do espaço virtual, tendo em vista que este tem se estabelecido como cenário de interação social cada vez mais presente na vida das pessoas e que foi intensificado durante a pandemia, pode-se inferir que, assim como no espaço físico, o espaço virtual também vai interferir nas relações sociais, na maneira em como os atores vão agir e retroalimentar suas interações, assim como novos códigos de condutas vão sendo estabelecidos e absorvidos por aqueles que fazem parte de determinados círculos.

Apesar da internet e da tecnologia possibilitarem que muitas atividades pudessem ter sido continuadas durante o período de isolamento social, as interações sociais se modificaram, há a proximidade, mas com limitações que talvez normalmente seriam ultrapassadas nas interações físicas. Jesus (2021) aponta que dentre as dificuldades destacadas pelos discentes de programa de pós-graduação, a falta de interação social com outros durante o ensino remoto foi considerada prejudicial para a formação destes enquanto pesquisadores.

### **A preparação para as aulas**

Dada à aprovação no curso, chegou a hora de iniciar as atividades no doutorado. A discente a princípio acreditou na possibilidade deste início acontecer de forma presencial, gerando tanto o anseio por poder conhecer a Universidade e a nova cidade onde residiria quanto também poder estar próxima dos professores, que faziam parte dos motivos pela escolha do programa, assim como conviver com os novos colegas. Porém, diante do contexto da pandemia e das dúvidas acerca dos níveis de contaminação e calendários de vacinação, ainda era muito incerta a questão da segurança sobre a doença e suas variantes. Logo, a



Universidade manteve a decisão de continuar as atividades de forma remota visando à segurança de todos. Ao mesmo tempo em que a notícia causou frustração por afastar a possibilidade de iniciar a pós-graduação como se havia imaginado anteriormente, essa decisão permitiu com que a discente pudesse estar com sua família em um momento de tantas incertezas, onde a saúde era a prioridade.

Sendo assim, todas as atividades seriam *on-line*, não haveria necessidade de sair para as aulas, estas que viriam para dentro de casa, e por isso algumas mudanças deveriam ser realizadas para que a participação nas classes ocorresse da melhor forma possível, alterando o cotidiano da discente e sua família.

Era necessário pensar no local de estudo, onde o computador pudesse ter uma iluminação adequada, pensar no quanto se estava disposta a mostrar da casa, que visão desejava que os outros da turma tivessem do seu espaço; avisar sobre os horários em que estaria em aula para não ser incomodada pelos demais da casa, para evitarem barulho próximo ao quarto, assim como fazer a família compreender que estar em casa não significava estar disponível para outras atividades. Aquilo que parece ser pequeno acaba por interferir bastante na rotina de uma família.

O que antes passava por despercebido, por estar naturalizado, começou a ganhar uma nova dimensão, pois se é possível ter certo controle pelas coisas que acontecem na própria residência, não se tem como controlar o que acontece ao redor, na vizinhança. Durante o período remoto, a discente pode notar o volume e diversidade de sons que circundavam sua residência, a música forte vindo da casa dos vizinhos, o carro-som de propaganda, crianças brincando, chorando, o trânsito...

Então para a participação nas atividades passou a ser necessário fechar a janela, mesmo estando calor; considerando a temperatura alta da região Norte, o uso de ventilador era primordial para conseguir ficar dentro do quarto (na residência não havia aparelho de ar condicionado), sendo que o barulho deste por vezes interferia no microfone, então sempre se tinha o cuidado de ingressar nas turmas com a câmera ligada, porém com o microfone desligado, mudando de função apenas quando fosse necessário. Por conta de todos esses elementos elencados, algumas vezes a discente se omitia da fala para que quando ligasse o microfone, os sons ao redor não incomodassem os demais da turma, tendo em vista que ela



mesma precisava se concentrar ao máximo para ignorar o que estava soando ao redor e focar no computador.

A importância de se trazer detalhes dessa rotina encontra respaldo na sociologia e suas teorias do cotidiano, onde o micro, o mínimo passa a ter importância e significância no macro.

É por isso que quando se fala em vida cotidiana não se entende só o vivido no plano do indivíduo, nem a interação pura e simples, nem só as posições coletivas e muito menos a ideia da frequência das ações (rotinas, estagnações, banalidades). A vida cotidiana é um atributo do ator individual, porém ela se realiza sempre num quadro sócio espacial. Seu estudo deve partir dos homens, da sua vida real, a importância dos valores e do senso comum para revelar as estruturas. Ou seja, a banalidade do cotidiano não é tão irrelevante. O presente não é definido pela lógica da espera (do futuro, da promessa), mas pela lógica da atenção: do vivido, em que o indeterminado, o sócio histórico se revelam. (SOUZA, 2000, p. 37).

Os momentos de estudo também foram alterados em relação à experiência já vivenciada no contexto presencial. Nas aulas realizadas fora de casa, não havia a necessidade de ficar em frente a uma tela de computador, o campo da visão era tomado pela sala de aula, quadro, professor, colegas e haveria interações entre os presentes, porém na realidade remota, o tempo diante das telas tomava boa parte do dia, pois além das aulas acontecerem por meio delas, o estudo também se dava da mesma forma, e o cansaço visual e de postura por uso do computador acabava por tornar este ambiente bastante exaustivo. A permanência tanto diante da tela quanto dentro de casa, por vezes dentro do mesmo cômodo, trazia um cansaço físico e mental que reduziam o rendimento e a concentração. Outro fator importante a destacar, em tempos de isolamento social, é que até o momento de lazer ficou restrito às telas digitais, ou seja, estudo, trabalho e diversão sempre estavam atrelados à internet e sua tecnologia, além de acumular o cansaço da aula e do estudo, para se ter um momento de descontração, recorria-se ao celular para interagir com outras pessoas.

Apesar de o ensino remoto ter possibilitado e permanência em casa e dessa forma poder continuar com a família num momento tão delicado e difícil, a iniciação dessa formação doutoral acabou por exigir um empenho muito maior para a discente compreender e se perceber pertencente a essa nova realidade de pesquisadora em formação. Além das questões já mencionadas como o local de estudo e interferências internas e externas, as



questões familiares também fizeram parte das dificuldades enfrentadas nesse período, tendo em vista que ao permanecer em casa e estando de licença do trabalho para se dedicar exclusivamente ao doutorado, tornava-se difícil para os familiares compreenderem que a discente precisava se dedicar às questões do curso, mesmo que não estivesse em reunião *on-line*. Não se afastar da rotina, trouxe algumas complicações para que a aluna realmente se sentisse dentro de um processo formativo de pós-graduação, pois, por vezes os momentos de dedicação ao estudo eram interrompidos pela interferência das necessidades da rotina diária da família.

### **Sobre os professores e colegas**

Como já mencionado, a doutoranda em questão não havia tido oportunidade de conhecer nada presencialmente com relação à Universidade e o curso, e todo o primeiro contato foi realizado de forma remota. Sendo assim, não foi possível para a mesma estar imersa dentro do ambiente acadêmico, como era esperado. Apesar de as atividades terem sido mantidas (aulas, grupo de pesquisa e orientações individuais), a aluna sempre refletia sobre como as ações que estavam sendo desenvolvidas remotamente, seriam no modo presencial.

Sobre o grupo de pesquisa, por mais que estivesse ativo durante a pandemia, percebia-se uma redução nas atividades. Cabe o destaque que, por conta das reuniões do grupo acontecerem no formato *on-line*, foi possível a participação de ex-alunos que residem em outros estados e países, dessa forma foi possível conhecer essas pessoas, algumas eram autores que a discente conhecia apenas por meio de publicações; pela diversidade de participantes e pesquisas desenvolvidas por estes, esta autora pode começar a compreender as linhas de pensamento existentes dentro da educação musical, pois vale lembrar que esta era a primeira vez que ela estava em uma formação *stricto sensu* voltada para a área.

Nesse sentido, poder ter acesso ao que estava sendo produzido dentro do ensino de música em regiões diferentes, foi um dos privilégios que foram proporcionados pelo ERE, e poder ouvir a fala de referências dentro da educação musical contribuiu de forma significativa para essa iniciação no doutorado, onde a discente ainda estava conhecendo de fato o campo que se propunha a investigar.



Apesar dos benefícios de poder estar próxima de algumas pessoas, o que não seria possível se não fosse pelo meio virtual, a falta de espaço para socialização com os demais integrantes nas aulas foi sentida pela doutoranda. Durante as aulas tinha-se a oportunidade de compartilhar pensamentos, dúvidas, posicionamentos sobre o tema em discussão e o que se considerasse pertinente ao assunto, mas uma pequena dúvida ou colocação que poderia ser tratada como o colega “do lado”, não tinha como acontecer. Afinal, para que a reunião procedesse de forma organizada, a fala era dada para um de cada vez, e às vezes não havia tempo para todos exporem seus pensamentos.

À medida que as atividades aconteciam, as trocas com os demais participantes da pós-graduação foram se ampliando, assim como as trocas de interações. Os encontros já não aconteciam somente no momento do grupo de pesquisa ou de alguma disciplina, mas havia se expandido para outros meios de comunicação, como as redes sociais. Aquilo que era tratado no momento da aula, já poderia ser comentado em outros momentos, fora da presença dos professores e de toda a turma. Afinidades foram sendo descobertas e as dúvidas e temores que fazem parte desse momento como o quanto nos sentimos preparados ou não para o desenvolvimento do curso e da pesquisa, a maturidade necessária para algumas demandas, dúvidas sobre escrita e etc. já não era vivida sozinha, mas encontrava conexão com os demais alunos, o processo já não parecia ser tão solitário como no início.

Becker (2015) salienta que a falta de compartilhamento das dificuldades que se tem na pesquisa acaba por criar uma espécie de ilusão onde se acredita que alguns pesquisadores sempre estão prontos, ou existem os que sempre vão produzir o melhor desde o primeiro momento (como os orientadores), e que os que não se encaixam nessa exceção são os únicos que possuem dificuldades e inseguranças, mas isso não é real. A falta do falar sobre erros e respostas negativas recebidas acabam por contribuir com esse pensamento; o autor ainda frisa que o processo de desenvolvimento do pesquisador não precisa ser tão solitário, que aprimorar-se com os outros também contribui para essa formação.

Apesar de a discente conseguir ter algum nível de interação com outros colegas do curso, mesmo que de forma remota, era comum escutar dos demais a falta que todos sentiam de poder estar mais perto para compartilharem de modo mais presente os percalços que estavam passando enquanto doutorandos, das dúvidas acerca do campo da educação musical



e abordagens epistemológicas; apesar de terem que lidar com as questões de suas pesquisas de modo individual, pensavam que presencialmente poderiam se apoiar de forma mais concreta.

A interação com os professores do programa, assim como com a orientadora apontou para a importância de se refletir sobre como nossas ações podem contribuir ou prejudicar de acordo com o ambiente em que estamos. Durante o período remoto, foi perceptível que os professores levaram em consideração que as atividades estavam sendo em formato virtual e adaptaram suas condutas, seja na forma da condução das aulas, nas escolhas dos materiais e atividades que seriam desenvolvidas no semestre, seja na forma de avaliação. Percebia-se a preocupação destes com o contexto dos alunos, tendo em vista que neste período pandêmico as pessoas corriam o risco de elas próprias ficarem doentes ou terem que cuidar de alguém próximo. Notava-se que havia um interesse em que os alunos absorvessem o conteúdo, porém sem exauri-los.

Da mesma forma, nas orientações individuais para a escrita da tese, era perceptível que a orientadora sempre se preocupava com o bem estar da doutoranda, tanto em relação à saúde física e mental, quanto ao contexto do estudo em casa, que envolvia o barulho, a família, o clima, sempre demonstrando coerência com o discurso que mantinha nas aulas, como, por exemplo, a importância de se compreender o contexto social do aluno e a partir disso traçar posicionamentos para um processo educativo compatível.

Mas também foi possível vivenciar a experiência com professores que mantiveram a condução de suas classes como se fossem presenciais, onde por vezes dar conta do conteúdo parecia ser mais importante que fazer o aluno entender o mesmo. Não eram consideradas as intermitências da internet e da tecnologia e de como estas afetam a duração do tempo das atividades, gerando uma má administração entre conteúdos e duração das aulas.

Essas observações contribuíram para a aluna compreender que a formação em doutorado não se tratava apenas de entender ser pesquisadora, dominar metodologias ou somente adquirir mais conhecimentos sobre um determinado tema, mas principalmente de usar tudo isso para ser uma pessoa melhor e conseqüentemente uma profissional melhor, sempre considerando o espaço em que se está atuando, seja o físico ou o virtual. Neto e Souza (2021) defendem a importância de o professor se compreender dentro das relações



estabelecidas nos diversos meios de comunicação e que a reflexão sobre essas mudanças devem reverberar no processo pedagógico-musical.

Se se compreende o contexto de onde e com quem está interagindo, adequa-se a este para que processo de troca de ensino-aprendizagem seja mais significativo.

## **Conclusão**

O relato apresentado teve como foco demonstrar um pequeno recorte das percepções de uma discente recém-chegada a um programa de doutorado em música, salientando o contexto da pandemia e de como o ERE possibilitou essa iniciação mesmo com aspectos que trouxeram algumas perdas.

Espera-se que as reflexões apresentadas contribuam com a importância de se pensar a pós-graduação como uma continuidade da formação e não como uma reta final. Ao apresentar as fragilidades da discente e dificuldades que foram encontradas também por conta do ERE, pretendeu-se demonstrar que mesmo em níveis de especialização *stricto sensu*, o conhecimento não é apenas aprimorado, mas ainda continua sendo construído. Em se tratando de um exemplo na área da música, esse processo se encontra dentro de uma construção de formação em educação musical.

Além do mais, com as cenas descritas, o trabalho busca contribuir para a importância de não se esquecer das experiências vividas durante o período de isolamento social, mas de se refletir sobre as interações em sala de aula, considerando os nossos ambientes de atuação, sejam virtuais ou presenciais, visando um processo de aprendizagem significativo para todos.



## Referências

BECKER, Howard. *Truques da escrita: para começar e terminar teses, livros e artigos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

BRASIL. *Portaria nº 343, de 17 de março de 2020*. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus – COVID-19. Diário Oficial da União, Brasília, DF: MEC, ed. 53, 18mar. Disponível em < <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-343-de-17-de-marco-de-2020-248564376>>. Acesso em: 17 ago. 2022.

\_\_\_\_\_. *Portaria nº 544, de 16 de junho de 2020*. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais, enquanto durar a situação de pandemia do novo coronavírus - Covid-19, Brasília: MEC-DF, 2020. Seção 1, Pág. 62. Disponível em: <<https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portarian-544-de-16-de-junho-de-2020-261924872>>. Acesso em: 17 ago. 2022.

FREHSE, Fraya. Erving Goffman, sociólogo do espaço. *Revista brasileira de ciências sociais*. v. 23, n. 68, 155-166, 2008.

JESUS, Adriana Regina de. A pós-graduação no contexto da crise pandêmica: reflexões sobre o ensino remoto emergencial realizado em um programa de pós-graduação localizado no norte do Paraná. *Educação em Debate*, Fortaleza, ano 43, n. 86, p. 46-57, 2021.

LEMES, Lezinete Regina; COSTA, Elizangela Moreira Patrícia da. O eu e o outro: movimentos de compreensão da formação da pesquisadora na pandemia. *Revista diálogos*, v. 9, n. 1, p. 5-23, 2021.

NETO, Antonio Chagas; SOUZA, Jusamara. Redes digitais e interações sociais no ensino de instrumento musical: uma pesquisa em andamento. In: XXV CONGRESSO NACIONAL DA ABEM. Online. *Anais*. 2021.

NOVELLO, Tanise Paula; PEREIRA JUNIOR, Errol Fernando Zepka; RIBEIRO, Nathalia Fehlberg. Ambientes virtuais de aprendizagem: limitações digitais dos professores em época de pandemia do Covid-19. In: I SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTRATÉGIAS E MULTIDEBATES DA EDUCAÇÃO – SEMEDUC, 1. Online. *Anais*. 2020. 1-11.

SOUZA, Jusamara. Contribuições teóricas e metodológicas da sociologia para a pesquisa em educação musical. In: 5º ENCONTRO ANUAL DA ABEM. 5º SIMPÓSIO PARANAENSE DE EDUCAÇÃO MUSICAL. Londrina. *Anais*. 1996. 11-35.

SOUZA, Jusamara. A experiência musical cotidiana e a pedagogia. In: SOUZA, Jusamara (Org.). *Música, cotidiano e educação*. Porto Alegre: Programa de pós-graduação em música do Instituto de artes da UFRGS, 2000. 33-43.



**abem**

Associação Brasileira  
de Educação Musical



Souza, Jusamara (Org.). *O cotidiano no cotidiano da pandemia: reflexões e experiências com a educação musical*. Porto Alegre: Scientific, 2021.

**XIII ENCONTRO REGIONAL NORTE DA ABEM**  
Educação Musical em redes: desafios e diálogos contemporâneos **2022**